

ASPECTOS ESCATOLÓGICOS NO PENSAMENTO DE GREGÓRIO DE NISSA

Scatological aspects in the thought of Gregório of Nissa

Maria Freire da Silva*

Resumo

A virada escatológica no século XX, por parte da Teologia Protestante Liberal, trouxe um desafio à Teologia Católica no que se refere ao tema escatologia. A Igreja Primitiva, nos dois primeiros séculos, considerava o fim do mundo e o retorno de Cristo eminentes, e fazia o anúncio da Ressurreição de Jesus Cristo. No III século, Irineu de Lion aparece com os termos: Recapitulação e cumprimento da História em Cristo. O século IV contempla o alvorecer das controvérsias trinitárias, no qual os padres capadóciós são importantes na criação da linguagem. O texto desenvolve uma compreensão teológica sobre a escatologia capadócia, dando relevância às contribuições nissenas. Faz-se uma breve explicitação do pensamento de Basílio de Cesareia e Gregório Nazianzeno concernente à escatologia e, em seguida, desenvolve-se os aspectos escatológicos do pensamento de Gregório de Nissa.

PALAVRAS-CHAVE: Escatologia. Recapitulação. Ressurreição. Teológico.

Abstract

The eschatological turning in the twentieth century by the liberal Protestant theology brought a challenge to the Catholic theology regarding the topic eschatology. The Primitive Church in the first two centuries considered the end of the world and the return of Christ eminent, and made the announcement about the resurrection of Jesus Christ. In the third century, Irineu of Lion arises with the terms: Recapitulate and fulfillment of the history in Christ. The

* Doutora em Teologia Dogmática pela Universidade Gregoriana de Roma. Chefe do Departamento de Teologia Sistemática e professora de Teologia Nossa Senhora da Assunção da PUC/SP.

fourth century contemplates the reveille of the trinitarian controversies, in which the Cappadocian Fathers are important in the creation of the language. The text develops a theological understanding of eschatology cappadocia giving relevance to the nissen contributions. It does a brief explanation of the thought of Basil of Caesarea, and Gregory Nazianzus concerning eschatology and then develops eschatological aspect of the thought of Gregory of Nyssa.

KEYWORDS: *Eschatological. Resurrection. Recapitulate. Theological.*

Introdução

Quando se trata do tema escatologia, não se pode ignorar que o mesmo não significa apenas um tema da Teologia Dogmática, mas, considerar sua relevante importância no contexto da fé cristã pelo fato de que “Deus e seu senhorio constituem o conteúdo central da salvação escatológica”.¹ O século XIX assistiu ao desenvolvimento, em âmbito protestante, da chamada teologia liberal e da pesquisa histórica sobre a vida de Jesus, segundo o método histórico-crítico.

A Igreja Primitiva, nos dois primeiros séculos, considerava o fim do mundo e o retorno de Cristo eminentes, e fazia o anúncio da Ressurreição de Jesus Cristo. A partir do III século, Irineu de Lion vai tratar dos termos recapitulação e do cumprimento da história em Cristo. Agostinho vai desenvolver a fórmula: *Christus solus*: Cristo só, ao Cristo total. Ligadas a essas perspectivas, encontram-se afirmações e reflexões escatológicas detalhadas sobre o como e o onde do cumprimento.²

O Concílio Vaticano II, em sua Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, resgatou a perspectiva histórico-universal, centrando-se na perspectiva eclesiológico-salvífica no mistério cristológico, articulando dessa forma: escatologia, eclesiologia e cristologia.³ A eclesiologia do Concílio Vaticano II retornou às fontes, onde o pensamento e reflexões dos padres da Igreja são fundamentais no que se refere à Teologia

¹ PANNENBERG, W. *Teologia Sistemática*, v. 3, Paulus & Academia Cristã, Santo André, 2009, p. 697-698.

² GRESHAKE, G. “Escatologia”, in: LACOST, *Dicionário crítico de teologia*, Paulinas & Loyola, São Paulo.

³ BORDONI, Marcello; CIOLA, Nicola. *Gesù, Gesù nostra speranza. Saggio di escatologia in prospettiva*, EDB, Bologna, 2001, p. 152.

Patrística. Tendo presente essa realidade, faremos o resgate de alguns aspectos da reflexão escatológica no IV século da Igreja. Portanto, o objetivo deste estudo é refletir, no âmbito da escatologia Capadócia, sobretudo o pensamento de Gregório de Nissa.

1 A Capadócia nos primeiros séculos do império romano

Do ponto de vista histórico, as regiões ocidentais e meridionais da Ásia Menor, do entorno do Mar Egeu ao mediterrâneo, eram muitos séculos anteriores à era cristã, centros vivos de esplêndida cultura e civilização; uma realidade articulada entre os privilégios da administração romana e da cultura grega. No entanto, as regiões periféricas como o Ponto e a Capadócia sofriam a escassez da helenização. Na primeira metade do séc. I, o Ponto e a Capadócia foram transformados em Província e ligada às províncias do Mediterrâneo assumindo a cultura comum da Ásia romana.⁴ É nesse contexto que vamos encontrar, no séc. IV, as renomadas figuras de Basílio de Cesareia, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa. Os padres capadócius atribuem a cristianização da Capadócia a Gregório, o Taumaturgo. No entanto, a criação da linguagem trinitária, a fluência homilética, os gêneros literários, a dedicação à poesia e à prosa⁵ devemos aos capadócius, sobretudo a Gregório Nazianzeno. Sem dúvida, podemos afirmar que:

O contexto teológico no qual estavam inseridos era formado de ideias confusas no que se referia à Trindade. De um lado, o sabelianismo que, amparando-se em suas concepções filosóficas, reduzia o mistério da Trindade à única pessoa do Pai. Desfigurava, assim, totalmente a revelação divina da Trindade. De outro lado, os euminianos davam asas à imaginação e propunham a existência de três substâncias distintas e independentes: três deuses. Defendiam o politeísmo frente à imagem do mistério do amor trinitário de Deus.⁶

É possível afirmar que a teologia trinitária capadócia constitui um sistema coerente:

⁴ MORESCHINI, C. *I Padri Cappadoci, storia, letteratura, teologia*, Città Nuova Roma, 2008, p. 05.

⁵ *Ibidem*, p. 141.

⁶ SILVA, F. Maria. Sobre o termo Pericórese. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, Loyola, n. 14, p. 19-38. jan./mar. 1996.

Os capadócius partem da reflexão sobre as três pessoas divinas, como primeira realidade. Para eles, as Pessoas significam a existência singular, concreta e individual. Assim sendo, o que lhes permite superar o triteísmo é a consideração da peculiaridade de cada Pessoa; peculiaridade esta sempre definida em relação às outras pessoas, a começar pelo Pai, fonte e origem de toda divindade.⁷

Portanto, diante da contribuição dos capadócius para a teologia cristã, temos aqui o objetivo de estudar aspectos ligados à escatologia dos luminares do Oriente. O importante é examinar a influência de Orígenes a respeito do termo *apokatástasis* e, ao mesmo tempo, verificar em que os capadócius contribuem com referência ao termo.

2 A escatologia Capadócia

a) *Basílio de Cesareia*

Quando nos debruçamos sobre o pensamento escatológico dos padres capadócius, percebemos que, dos três, o que exhibe maior abrangência em seu pensar escatológico é Basílio de Cesareia (330-379). Basílio foi envolvido nas controvérsias neoarianistas (359), sobretudo no que se refere à divindade do Espírito Santo. Desde jovem, admirador e compilador de Orígenes, juntamente com Gregório Nazianzeno, da antologia de passagens de Orígenes conhecida como *Philokalia*, Basílio demonstra, em muitas de suas obras a tendência origenista de interpretar as imagens tradicionais da esperança cristã em termos espirituais ou psicológicos.

Como pregador e pastor, Basílio estava agudamente consciente da importância da previsão de juízo e retribuição na vida moral dos cristãos. À medida que se tornava mais velho, parece ter apurado sua capacidade crítica a respeito do origenismo e mais severo em suas expectativas de futuro.⁸

⁷ SILVA, F. Maria. Sobre o termo Pericórese. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, Loyola, n. 14, p. 19-38. jan./mar. 1996.

⁸ DALEY, B. *Origens da escatologia cristã: a esperança na Igreja Primitiva*, Paulus, São Paulo 1994. p. 123-124. Orígenes, levando esta forma de pensar às suas consequências lógicas, defende a salvação universal. O fim do mundo coincidirá com a vitória de Cristo e a purificação de todos os pecadores. O diabo participará da restauração universal. Essa opinião, apresentada pelo autor como simples hipótese é conhecida pelo nome de apocatástase (do grego *apokatástasis*: restauração). Tem como pressuposto que o ser humano, mesmo após a morte, seria capaz de escolher entre o bem e o mal e, como hipótese, que a história seria uma sucessão indefinida de

Basílio também segue o esquema do pensamento espiritualizante de Orígenes quando trata da questão dos desejos humanos depois da morte. Em seu tratado sobre o Espírito Santo (8, 18), descreve que o bem-aventurado final humano, após atravessar esforçadamente essa vida, é chegar ao conhecimento de Deus, e, este conhecimento, que faz o conhecedor igual a Deus, é obra do Espírito Santo que cura e purifica. Basílio não relaciona esse estado de bem-aventurança em imagens terrestres, mas descreve-o como um lugar livre de cuidados e limitações, afirmando apenas que isso é uma realidade dos vivos, não dos que morreram por causa dos pecados. É o lugar daqueles que vivem a vida verdadeira, que está em Cristo Jesus (Hom in Ps 114.5: PG 29. 493C5-12).

b) Gregório Nazianzeno

Gregório é essencialmente cauteloso origenista simpatizante, com a interpretação espiritual das imagens cristãs do alexandrino, embora inclinado a revelar poder naquelas mesmas imagens ilustrativas, ao invés de explaná-las pela alegoria. Gregório afirma enfaticamente que “o objetivo da economia divina é nossa participação, como criaturas humanas, na divindade. O Logos divino assume a pobreza da minha carne para que eu assumo as riquezas de sua divindade. Aquele que está cheio, esvazia-se a si mesmo para que eu possa ter parte em sua completitude”(Or 38.13). Nessa dinâmica, o Espírito Santo pode ser comprovado como sendo igual ao Pai e ao Filho pelo fato de que ele “me torna Deus, me une à divindade no batismo (Or 31. 4, 28; cf. Or 7. 23; 11.5; 14. 23; 34.12; Mor 10. 140-43). Para Gregório, a tão

mundos, resultado de combinações infinitas de diferentes escolhas S. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromata*, VI, 6. 372) de vida sem cessar renovadas. Esses mundos sucessivos iriam melhorando progressivamente, embora o progresso fosse lento e desigual. Mas esta sucessão de seres teria um fim no qual o Cristo restauraria todas as coisas. E uma vez que Deus é bom e Todo-Poderoso o próprio diabo veria o fim do seu castigo. Orígenes se apoia no Apóstolo Paulo, em 1Cor 15,26ss: – O último inimigo a ser destruído é a morte, pois ele pôs tudo debaixo dos seus pés. Mas quando ele disser: Tudo está submetido, é evidentemente com exclusão daquele que tudo lhe submeteu. E quando todas as coisas lhe houverem sido submetidas, então o próprio Filho será submetido Àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos. A perfeição seria atingida quando as criaturas fossem purificadas de toda paixão. O fundamento da hipótese do teólogo alexandrino é a misericórdia infinita de Deus revelada em Cristo e a vontade divina de restaurar, em Cristo, todas as coisas. (in: *Persp. Teol.* “O horizonte da antropologia de Gregório de Nissa”, 33 (2001) p. 363-390).

esperada completude dessa união com Deus será, acima de tudo, uma completude de conhecimento: especificamente nosso conhecimento da natureza triúna de Deus, que agora conhecemos apenas como mistério (*Or* 23.11).

Baseando em duas questões-chave da escatologia origenista, a natureza purificadora de toda punição e a esperança de uma salvação universal, Gregório oferece um apoio cauteloso, não dogmático, à posição origenista. É assim na Oração 39.19 sobre as luzes santas. Após polemizar com a posição rigorista dos novacianos quanto ao batismo, Gregório diz que ele os deixa ir pelo seu caminho, reconhecendo que, como “resistentes ao caminho de Cristo”, eles podem passar por um doloroso “batismo de fogo” (*Or* 3. 7 alusão a *1Cor* 3, 12-15). Brevemente discute sobre o fogo purificador que Jesus veio lançar sobre a terra (*Lc* 12, 49).

Embora não faça especulação sobre o início da história criada, Gregório refere-se à meta final dessa história, numa importante passagem de sua quarta oração teológica (*Or* 30.6) em termos inquestionavelmente origenistas, como a união de todas as criaturas racionais com Deus.

‘Deus será tudo em todos’, ele escreve, ‘no momento da restauração (*apokatastasis*). Eu não quero dizer o Pai, como se o Filho fosse dissolvido nele, como uma tocha que foi separada por um tempo de um grande fogo e é então reunida a ele – nem devem os sabelianos ser corrompidos por esta passagem, isto é, (*1Cor* 15, 28): eu quero dizer Deus como um todo, no tempo em que nós não mais formos muito como nós somos agora em nossos movimentos e passividades; não trazendo em nós mesmos nada de Deus, ou somente um pouquinho; nós deveremos ser, então, totalmente iguais a Deus, receptivos a Deus como um todo e a Deus somente. Isto, acima de tudo, é a perfeição (*teleiosis*) em direção à qual nós nos esforçamos’.⁹

Com relação a detalhes físicos da ressurreição, Gregório não especula nem oferece qualquer apologia, mas reflete, em seu panegírico sobre seu irmão Cesário (*Oratio*, 7, 21), tanto sobre a parcela do corpo na realização final quanto ao estado interino entre a morte e a ressurreição. Aqui se percebe uma articulação entre o tradicionalismo e sua interpretação iluminada. Isso aparece em sua compreensão de corpo e alma.

⁹ DALEY, B. *Origens da escatologia cristã: a esperança na igreja primitiva*. Paulus, São Paulo, 1994, p. 129.

3 Aspectos escatológicos no pensamento de Gregório de Nissa

Nosso corpo unido ao corpo de Cristo adquire um princípio de imortalidade, porque se une ao Imortal. (Gregório de Nissa)

Irmão mais novo de Basílio de Cesareia, Gregório de Nissa¹⁰ (335-394), retórico apaixonado e talentoso, pensador teológico mais original do que Basílio ou Gregório Nazianzeno, leva adiante a tradição intelectual e espiritual de Orígenes com sutilezas inigualáveis. A reformulação das perspectivas escatológicas de Orígenes feitas por Gregório Nisseno exerceram longa influência, apesar de controvérsias na teologia grega patrística e bizantina posterior. Um tópico no qual Gregório tanto reafirma, como refina na escatologia origenista, é sua esperança por uma salvação universal ou *apokatástasis*, a restauração da criação intelectual em unidade original com Deus em contemplativa bem-aventurança.

O termo *apokatástasis* é uma palavra grega que significa restauração de um estado anterior, o retorno a uma situação originária. Aplicada à escatologia cristã, exprime uma teoria segundo a qual, no fim dos tempos, todo o universo criado será restabelecido na sua harmonia originária e todos serão salvos, incluindo o demônio. Essa concepção de salvação, que nega a eternidade do inferno, a doutrina da *apokatástasis* foi condenada no Concílio de Constantinopla (553). No entanto, essa condenação não diminui a reputação de Gregório de Nissa sobre sua visão de salvação universal.

De acordo com Emanuela Prinzialli,¹¹ o conceito de *Apokatástasis* em Orígenes está articulado ao aspecto da submissão do Filho ao Pai que significa reintegração perfeita de todo o criado. Assim a submissão dos inimigos ao Filho significa salvação dos sujeitos e reintegração dos perdidos (*Prin* 3, 5, 7). Origene destaca a eliminação escatológica do

¹⁰ “Gregório de Nissa: a) representa a expressão máxima da especulação cristã dos primeiros séculos, acima, inclusive, de Orígenes. b) A doutrina cristã tem nele sua primeira sistematização doutrinária, sobre o fundamento de uma filosofia grega, particularmente platônica e neoplatônica. c) Fez avançar a teologia trinitária, e do mesmo modo que os demais capadóciotes não conseguiu explicar satisfatoriamente a unidade (essência) das pessoas com sua diversidade (individualidade)”. (SANTIDRIÁN, R. Pedro. *Breve dicionário de pensadores cristãos*, Aparecida, Santuário, 2000).

¹¹ PRINZIALLI, E. “Apocatástasi”. CASTAGNO, M. A. *Origene in Dizionario: la cultura il pensiero, le opere*, Città Nuova, 2000, p. 24-29.

mal e a subsistência eterna do bem; esta é a doutrina da *Apokatástasis*. No entanto, não se ignora que Orígenes estava consciente do perigo da negação da liberdade da criatura, implícito na assunção da *apokatástasis* e, portanto, criou uma série ilimitada de mundos onde cada criatura atravessa infinitas vicissitudes à livre conversão a Deus.¹²

Gregório frequentemente identifica a ressurreição prometida com o primeiro estágio desta *apokatástasis*, pois a ressurreição nos promete nada menos que a restauração dos caídos para seu estado original. O objetivo e limite de nossa jornada através do mundo é nossa restauração (*apokatástasis*) que não é nada menos do que a semelhança com a divina realidade. No entanto, Gregório rejeita a noção de Orígenes o qual afirma que esse estado original era uma existência pré-histórica de almas sem corpos e que nossa atual existência corporal é o resultado de uma queda. Ressalta que essa teoria diminui nossa esperança por uma salvação final, uma vez que ela sugere que os seres humanos estão em condição mais frágil do que quando caíram. Ainda mais, ela implica que mesmo a vida de contemplação celestial não está salvaguardada do pecado, uma vez que a possibilidade de um ciclo interminável de quedas e restaurações não pode ser excluída. Na perspectiva de Gregório, o que se instaura e recapitula na ressurreição é, primeiramente, a perfeição real ou completitude da realidade possível da criatura racional que está eternamente presente na mente de Deus, um objetivo ou escopo que pré-existe à jornada histórica da raça humana e é realizado gradualmente pelas criaturas no tempo. Esse objetivo expresso em linguagem bíblica é a denominada imagem de Deus, criada como realidade final da existência humana pelo mesmo ato divino que os criou “homem e mulher”, mas agora desfigurada pelas tensões e ambiguidades da existência carnal (*De Hom Opif* 16).

Em segundo lugar, *apokatástasis* para Gregório é a realização no número total (*pleroma*) dos indivíduos humanos de características corporais e espirituais que seu antepassado Adão possuiu antes do pecado. No final de sua homilia sobre o Cântico dos Cânticos, afirma:

Existe um movimento comum em todas as almas, de cada nível, em direção à tal bem-aventurança... É da natureza de cada criatura se esforçar, em seu anseio, em direção àquilo que é abençoado e

¹² PRINZIALLI, E. “Apocatastasi”. CASTAGNO, M. A. *Origene in Dizionario: la cultura il pensiero, le opere*, Città Nuova, 2000, p. 24-29.

louvado... Até todos se tornarem um, fitando fixamente o mesmo objetivo de seu desejo, e nenhum mal será deixado em ninguém, e Deus se tornará tudo em todos, enquanto eles são unidos um no outro em unidade pela compartilha no bem (*In Cant Hom 15*).

Esta restauração da unidade tocará “aqueles que agora estão no pecado” (*Or Catech 26*) e incluirá até mesmo aqueles previamente condenados ao inferno segundo a vida de Moisés. A principal razão que Gregório dá é que o mal, sendo a corrupção e a desfiguração daquilo que é bom, e não uma substância em si próprio, deve eventualmente acabar. Só o bem permanece.¹³ A capacidade da alma humana em perceber a benignidade divina já possui uma semelhança com Deus e a capacidade em compartilhar em sua vida (*Or Catech 5*). Gregório assume, como axiomático, que essa capacidade não pode ser frustrada.

A ressurreição do corpo é um elemento-chave na concepção de Gregório sobre a realização humana última, um evento que ele frequentemente apresenta como primeiro estágio da *Apokatástasis* ou restauração da humanidade à sua forma ideal e original. *Apokatástasis* representa um dos temas mais interessantes e delicados do pensamento Nisseno.

Na teologia moderna, do ponto de vista do teólogo K. Rahner, “o fim do mundo é a consumação e total realização da história da salvação que, em Jesus Cristo e em sua ressurreição, abriu um caminho decisivo e alcançou a vitória”.¹⁴ Rahner afirma que tudo será transformado: a história do cosmos e do mundo: “O que Deus criou e que foi assumido por Cristo e glorificado com sua morte e ressurreição, terá também em nós sua realização definitiva”¹⁵ Já o teólogo J. Ratzinger afirma que tanto o homem quanto o cosmos estão interligados na unidade maior do amor que ultrapassa e abarca o bios. Dessa forma, se percebe “a unidade real do fim escatológico e da abertura que se realizou com a ressurreição de Jesus”.¹⁶

¹³ PRINZIALLI, E. “Apocatastasi”. CASTAGNO, M. A. *Origene in Dizionario: la cultura il pensiero, le opere*, Città Nuova, 2000, p. 132.

¹⁴ RAHNER, K. *Teologia e Antropologia*, Paulinas, São Paulo, 1969. p. 149. Do ponto de vista do Credo Apostólico a consumação é chamada de “vida eterna”, mas está acima de conceito de tempo e, sim de qualidade. (SHNEIDER, Theodor. *Manual de Teologia Dogmática*, v. II, 3. ed. Petrópolis, Vozes, 2008. p. 422).

¹⁵ *Ibidem*, p. 152.

¹⁶ *Ibidem*, p. 235. Para Paul Tillich, o eschaton se torna uma questão de experiência presente sem perder sua dimensão de futuro. (*Teologia Sistemática*, São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 823).

As interpretações podem nos conduzir a dois conceitos fundamentais de salvação universal e ressurreição universal. A razão para isso se encontra além da ênfase tradicional da Igreja na esperança da ressurreição, e também na antropologia, pois entende que o ser humano é um conjunto espiritual e material articulado e que um depende do outro para existir. Portanto, “somente quando esta composição recapturar sua perfeição originária, a criatura humana novamente realizará totalmente a imagem de Deus, como Adão e Eva o fizeram na criação”.¹⁷

Da antropologia de Gregório emergem as características do corpo ressuscitado, como ele as compreende. Ele será, de fato, idêntico ao corpo atual e reconhecível como tal, contudo será delicado e etéreo em textura, com uma beleza mais brilhante e mais encantadora.¹⁸

Em seus estudos sobre *Or Catech.* de Gregório de Nissa, R. Winling observa que a ressurreição de Cristo é o princípio explicativo e o elemento estruturante do discurso catequético de Gregório. O mesmo vale para a escatologia. Essa se baseia totalmente na ressurreição de Cristo. Gregório leva ao extremo as consequências teológicas do fato de que Cristo é o Novo Adão (*Or Cat.*, 16...) e que sua ressurreição é causa e o ponto de partida para a ressurreição dos homens. Este é o mistério da economia divina. Deus não impediu a morte do homem, porque havia previsto sua ressurreição.¹⁹ A economia da encarnação tem como centro a morte e a ressurreição de Cristo. Em outras palavras, o mistério pascal de Cristo destrói a morte e se transforma em fonte e princípio de vida nova para a humanidade. A visão escatológica de Gregório é otimista e luminosa: o bem triunfa sobre o mal, é a realização e plenitude do reino de Deus de acordo com que escreve o evangelista Mateus: “vem a nós o teu reino” (*Mt* 6, 10). Essa visão escatológica otimista vem influenciada por *1Cor* 15, 28 ao qual dedicou exegeticamente um tratado: *In illud: Tunc et ipse filius.*

Esse texto coloca um problema a Gregório, que é a questão da igualdade entre o Pai e o Filho, e quando o mesmo afirma que o Filho se submete ao Pai. Gregório trabalha a submissão do Verbo ao Pai, demonstrando que essa só existe no seu corpo, que somos nós.

¹⁷ RAHNER, K. *Teologia e antropologia*, São Paulo: Paulinas, 1969, p. 133.

¹⁸ *Ibidem*, p. 133. Na atualidade é fundamental o pensamento escatológico de K. Rahner referente à interpretação antropológica de afirmações escatológicas (1960). Rahner afirma, de um lado, o caráter culto do futuro da consumação escatológica, de outro a referência do ser humano como ente histórico a esse futuro.

¹⁹ MATEO-SECO, L. F. art. “Escatologia”, in *Dizionario G., Gregorio di Nissa*, Roma: Città Nuova, 2007, p. 251-263.

A submissão não é outra coisa senão a união com Deus. Vista nessa perspectiva, a submissão consiste numa união com Deus onde Ele é tudo em todas as coisas. Isso faz Gregório pensar que tudo será unido a Deus e o mal será destruído, como as trevas são destruídas pela luz.²⁰ Ao tratar da oração pela unidade dos discípulos, presente no evangelho joanino, Gregório afirma que a oração de Jesus recebe seu cumprimento no céu. A perfeita unidade em Deus de todo o criado é outro modo de apresentar a visão gloriosa da escatologia final própria de Gregório. Deus será tudo em tudo, porque tudo será unido a Ele.

O Filho restituirá todas as coisas, especialmente o gênero humano, a unidade perdida pelo pecado, submetendo tudo ao Pai no Espírito Santo. Nos textos densos dos *Cant. et Tunc et ipse*, Gregório afirma que a unidade trinitária se difunde a todos os homens através de Cristo pela ação do Espírito Santo, que é a glória de Deus (in Mort.), O Espírito é a glória de que Cristo fala em *Jo 17, 5*: “Pai dai-me a glória que tive junto de ti...”. Para Gregório na ascensão a alma se torna bela e resplendente porque se avizinha à beleza e à verdadeira luz.

O Espírito Santo é o vínculo da unidade dos homens com Deus e entre si.²¹

Do ponto de vista de Gregório, o corpo é toda natureza humana, à qual o Verbo se uniu na sua encarnação. Nessa dinâmica, o Espírito atuará; Ele que glorificou a carne de Jesus Cristo glorificará também a nós. Isso acontece em dimensão trinitária. Danélou observa que Gregório se interessou por *ICor 15, 28* já no fim de sua vida. Ele expõe uma teologia do crescimento na graça de Cristo na humanidade a partir da encarnação. Compreende a restauração de todas as coisas em Cristo na perspectiva de uma profunda e universal unidade. Para Gregório, a oração *Jo 17, 21-23* expressa a súplica da unidade perfeita de toda criação, especialmente da criatura espiritual, na plenitude escatológica.

4 O cumprimento do plano criador

Esta unidade realiza em plenitude o plano original de Deus sobre a criação, especialmente, sobre o homem. A perspectiva de Gregório se

²⁰ MATEO-SECO, L. F. art. “Escatologia”, in *Dizionario G., Gregorio di Nissa*, Roma: Città Nuova, 2007, p. 251-263.

²¹ *Ibidem*, p. 251-263. Com essa atribuição, de participação escatológica da criação na vida da Trindade, por meio da glorificação, Irineu de Lion havia afirmado que a glorificação de Deus pelas criaturas e a glorificação das criaturas por Deus, formam uma unidade como duas faces do mesmo acontecimento. (Ireneu, *Haer.* IV, 20, 3 e 5).

avizinha de Col 1, 15-20 que afirma: “tudo é criado por meio do Filho e para Ele”. Já em *De mortuis oratio*, a visão da unidade escatológica é plena da luz da beatitudine: a divina beleza na qual fomos criados no princípio brilhará única em tudo. Será uma felicidade em comunhão porque todos gozam do esplendor dos outros e serão unidos através dos mesmos sentimentos, brilhando em uma mesma graça numa articulação da beleza, num recíproco gáudio. É uma *apokatástasis* universal e ultraterrena, sem a qual não seria possível tal luminosidade.²² Sem dúvida, no pensamento nisseno, o ser humano, como imagem e semelhança de Deus, encontra prioridade no centro da criação como imagem da realeza divina.²³ Atanásio de Alexandria afirmava que o ser humano foi originalmente destinado à obtenção da imortalidade, através da participação de sua alma no Logos apesar da natural interinidade de sua vida corpórea.

Gregório interliga Escatologia e protologia, descrevendo frequentemente o ingresso no repouso eterno como o retorno humano ao paraíso. Esse pensamento vem relacionado à teologia batismal. Esse retorno constitui o centro do pensamento de Gregório de Nissa. Para ele, a escatologia final é uma eterna Páscoa, onde todos são unidos a Cristo no louvor do Senhor.

A escatologia, para Gregório, pressupõe o resgate da liberdade e da integridade humana. Este é o significado essencial do conceito nisseno de *apokatástasis*. Não se pode ignorar que o pensamento nisseno sobre *apokatástasis* e sua compreensão escatológica estão perpassados por sua compreensão mística. O contemplar Deus face a face vem parafraseado com Moisés e Melécio, filosofando com Deus, como Moisés no monte Sinai. Gregório afirma que: Melécio, no céu, não contempla a beleza a qual se reflete nas coisas, mas contempla a realidade autêntica, da qual as coisas são reflexos. Moisés sente desejo ardente de contemplar Deus, por isso, não contempla a beleza através de espelho, mas, face a face (*ICor* 13, 12). Esse modo de pensar de Gregório está perpassado pela teologia apofática.²⁴ No entanto, é mister uma breve compreensão do uso da teologia apofática no pensamento Nisseno.

A teologia de Gregório de Nissa é apofática no sentido que apófase, nas suas obras, é um instrumento sistemático, como parte de um sistema

²² MATEO-SECO, L. F. art. “Escatologia”, in *Dizionario G., Gregorio di Nissa*, Roma: Città Nuova, 2007, p. 251-263.

²³ GREGÓRIO DE NISSA. *A criação do homem...*, São Paulo: Paulus, 2011, p. 58-59. Sem dúvida, Gregório elabora uma antropologia influenciada pela escola alexandrina.

²⁴ *Ibidem*, p. 251-263.

especulativo por ele construído coerentemente para defender a profissão de fé trinitária. Se examinarmos a teologia apofática em Gregório, veremos duas noções: em primeiro lugar, também, se Gregório recorre habitualmente ao uso do alfa privativo como técnica linguístico-epistemológica,²⁵ e, certamente prefere uma linguagem negativa quando se refere a Deus por abstração, não desenvolve nem se envolve em um método linguístico formalmente conhecido como apófase, o qual é no contexto cristão, um contributo de Pseudo-Dionísio Areopagita.

Dessa forma, o método linguístico da apófase não pode ser concebido como um elemento constitutivo do seu sistema apofático. Em segundo lugar, apófase, enquanto instrumento sistemático, funciona como princípio teorético compreensivo, que se apóia sobre uma base exegética, mas que na controvérsia trinitária há um contexto importante para um ulterior desenvolvimento sistemático. O princípio é eficaz no método científico usado por Gregório, conhecido como *Akolouthia* ou mentalmente *Epinoia*. Aqui o princípio é interligado como diretiva epistemológica certa. A incompreensibilidade da natureza de Deus representa um dos princípios dogmáticos que devem ser considerados ao se examinar a doutrina trinitária e a sua estrutura lógica.²⁶

O movimento circular (pericorético) procede do Pai e envolve, num impulso unitário, acompanhado de um recíproco e simultâneo “in-existir”. Nenhuma pessoa tem domínio sobre as outras duas. A originalidade do pensamento de Gregório de Nissa está mais em relação à sua concepção do infinito humano do que do infinito divino.²⁷ A realidade humana está dotada de uma capacidade infinita de movimento, que imita seguindo sem parar o infinito divino. A infinitude do movimento e do desejo humano adquire pela primeira vez na história sentido positivo.²⁸

²⁵ MATEO-SECO, L. F.; art. “Teologia apofática”, in *Dizionario G., Gregorio di Nissa*, Roma: Città Nuova, 2007. p. 515-520.

²⁶ *Ibidem*, p. 515-520. *Akolouthia* é a expressão que indica a sucessão necessária e progressiva de tudo o que é no termo, um termo aplicado por Gregório, tanto na ordem natural, como sobrenatural, em suas meditações sobre a obra da salvação, pois esta se constitui segundo um projeto ordenado e progressivo. Fala de uma *Akolouthia* iniciada pelo pecado de Adão, depois uma oposta ao pecado que tem sua origem em Cristo mediante a qual o homem ressurgue da condição mortal. *Akolouthia* aqui é vista como processo de reintegração da inteira humanidade na mesma criação completa com a ressurreição de Jesus. (p. 53).

²⁷ VILANOVA, E. *Historia de la teologia Cristiana*, I de los orígenes al siglo XV, Barcelona: Herder, 1987, p. 217.

²⁸ *Ibidem*, p. 217. O concílio de Florença declarou para a comunhão com as Igrejas orientais as seguintes palavras: “em razão desta unidade o Pai é todo plenamente

Do ponto de vista de Gregório Nisseno, é somente a reunião íntima do homem com Deus, mediante a fé e a caridade, que se poderá restaurar a imagem de Deus no homem e fazer com que este se redescubra como tal. Nisto consiste a salvação do homem. Gregório articula essa forma de pensar à dinâmica da ressurreição, à qual, para ele, a ressurreição restaura o estado primitivo. Afirma que “a graça da ressurreição não nos é dada de outro modo senão com o restabelecimento ao estado primitivo daqueles que morreram”.²⁹

Gregório argumenta que a plenitude da humanidade chegará a seu termo como previsto e que o momento é indivisível”.³⁰ Desse ponto de vista, afirma:

É preciso, antes de tudo, compreender qual é o objeto da doutrina da ressurreição, em vista do que ele é afirmado pela Sagrada Escritura e é objeto de fé. A ressurreição é a reconstituição (*apokatástasis*) da nossa natureza na sua condição originária.³¹

Ser imagem é refletir a glória de Deus Vivo (*Cor* 11, 7; *2Cor* 4,4); é participar de todos os bens da divindade, afirma Gregório Nisseno. O mesmo afirmava que a batalha de Cristo pelo bem, pela salvação dos homens é assumida no batismo pelos crentes e celebrada na eucaristia.³²

Para Gregório, isso culmina com vida e gáudio eterno, onde o aspecto principal desta vida será semelhante à alegria que descobrimos, na oração na medida em que esta se une misticamente a Deus pela graça

no Filho e todo plenamente no Espírito Santo; o Filho é inteiramente todo no Pai e todo inteiramente no Espírito Santo, e o Espírito Santo é todo plenamente no Pai e todo plenamente no Filho”. Gregório Nazianzeno havia tratado sobre a pericórese divina derivada da recíproca compenetração das duas naturezas de Cristo. Sem dúvida inaugurou implicitamente a pericórese das três pessoas divinas ao introduzir a metáfora dos três sóis unidos entre si. (GANOCZY, A. *La Trinidad creadora: teologia de la Trinidad y sinergia*, Secretariado trinitário de Salamanca, 2005, p. 62).

²⁹ GREGÓRIO DE NISSA. *A criação do homem, a alma e a ressurreição, a grande catequese*, col. Patrística, v. 29, São Paulo: Paulus, 2011, p. 106. Gregório afirma que “com o cumprimento do gênero humano, o tempo cessará definitivamente e então todas as coisas retornarão aos seus elementos primitivos, e será transformada também a humanidade e, de seu estado perecível e terrestre, passará a um estado impassível e eterno” (p. 120).

³⁰ *Ibidem*, p. 121.

³¹ *Ibidem*, p. 271.

³² CARVALHO, M. Maria. *A consumação do homem e do mundo*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002, p. 48-49.

do Espírito Santo. Outro aspecto característico da vida celestial é a felicidade que se realiza em total firmeza no bem. O contínuo progresso da ascensão da alma é ao mesmo tempo desejo e saciedade. Não é possível compreender o pensamento de Gregório de Nissa como uma filosofia da tristeza e da desesperança, mas sim como uma teologia da juventude sempre em permanente crescimento. No entanto, a vida no céu é paradoxal: de um lado, o desejo insaciável e de outro é sempre saciado.³³ O desejo e a liberdade constituem o núcleo do humano e a pura abertura ao ser e ao bem da liberdade humana em direção ao outro.³⁴

Todavia, precisa-se compreender que para Gregório o termo desejo tem significado diferente, pois em sua compreensão se adéqua à natureza o que significa uma tensão versus origem. Gregório concebe vida eterna como gáudio perpétuo e como comunhão luminosa.

Do ponto de vista de Gregório, “o estado de perfeição será o eros incessante da verdadeira beleza”.³⁵ Realizar-se-á uma nova criação que é a *apokatástasis*, verdadeira redenção de toda criatura na ordem querida por Deus ao fim do tempo. Dessa forma, o fogo após longo espaço de tempo, eliminará da natureza o mal, e o mesmo inventor do mal unirá sua voz ao hino de graças e louvor a Deus (*Orat. catech.* 26). Do ponto de vista de J. Moltmann, apesar deste considerar a condenação da teoria da *apokatástasis*, afirma que a descida de Cristo ao inferno nos dá esperança de que nada se perderá.³⁶ Já o teólogo von Balthasar prefere se incluir entre os teólogos que confiam a questão à misericórdia de Deus.³⁷

A respeito da morte prematura das crianças, Gregório afirma que essas ressuscitam em idade adulta em forma semelhante ao estado de Abraão no paraíso. As crianças são mortas sem nenhum mal espiritual, não fizeram um progresso na virtude.

³³ GREGORIO DE NISSA. “Escatologia”, in *Dizionario G., Gregorio di Nissa*, Roma: Città Nuova, 2007, p. 262-263.

³⁴ POLLASTRI, A. *Padre Nostro*, in *DPAC*, v. II, Casale Monferrato: Edizioni Marietti, 1984, col. 2565.

³⁵ Disponível in site: <www.filosofia.it>, acesso em: 23 jul 2013.

³⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *A vinda de Deus: escatologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2007, p. 272.

³⁷ LA DUE, J, William. *O guia trinitário para a escatologia*, São Paulo: Loyola, 2007, p. 125.

Conclusão

Indubitavelmente, a escatologia capadócia traz em seu núcleo a complexidade do IV século do cristianismo. Período onde a linguagem está sendo elaborada, onde também as controvérsias teológicas desafiam os pais da Igreja a refinarem os conceitos que exprimam os fundamentos da fé. É nesse contexto que se insere a escatologia capadócia, e, como vimos, o pensamento de Gregório de Nissa.

Sem dúvida, Gregório traz uma grande contribuição no que concerne a sua articulação com o mistério pascal e a plenitude do reino de Deus. Um elemento fundamental no pensamento nisseno é sua centralidade na teologia paulina no que se refere à importância de *ICor* 15, 28; o que permite a Gregório uma visão escatológica otimista. Um elemento importante a ser considerado é que a centralidade em *ICor* 15, 28 pode trazer um problema fundamental a respeito da igualdade do Pai e do Filho. Gregório fala de uma submissão do Filho ao Pai, quando todas as coisas lhe serão submetidas. No entanto, essa submissão do Filho ao Pai não se opõe à sua coigualdade, mas é a forma como concebe a submissão do universo a Deus e, em certo sentido, a parusia. A submissão não se cumpre na Pessoa do Verbo, mas em seu corpo que somos nós, pelo fato de que é Ele quem opera a graça. A submissão não é outra coisa que a união com Deus onde Ele será tudo em todas as coisas (*ICor* 15,28). No âmbito escatológico nisseno, o Filho restituirá todas as coisas ao Pai no Espírito Santo.

Dessa forma, a unidade trinitária se difunde a toda humanidade através de Cristo na ação do Espírito Santo que é a glória de Deus. Na escatologia nissena, é clara a exclusão do mal. Gregório considera a restauração. A Restauração total de todas as coisas em Cristo como uma profunda e universal unidade. Existem textos nos quais Gregório fala dos novíssimos, deixando entender que aceita um inferno eterno. Entre esses se distingue o final de *Or. Cat.* Fala de um verme eterno que difere de animal (*Or. Cat.*, 40). Do ponto de vista de Wingling, há uma contradição nesse pensamento de Gregório. Já Danielou sugere uma outra solução. Gregório está falando do conjunto da humanidade, na qual seria possível uma trágica exceção. Isso seria coerente sobre a importância com que Gregório assinala a liberdade, mas não coerente com a intenção que atribui à finitude do mal. Gregório fala de uma purificação ultraterrena que afeta a todos, inclusive o demônio (diábo). A morte é escolhida por Deus como caminho de purificação. Agostinho de

Hipona, contrário à *Apokatástasis*, afirma que a ressurreição dos mortos é o centro da transformação escatológica, a linha divisória entre o tempo e a eternidade.³⁸ Paul Tillich argumenta que a teoria da Apokatástasis ameaça questões ligadas ao ético-educacional das religiões.³⁹

A escatologia do *Concilio Vaticano II* alcançou um posto notável na teologia católica contemporânea, sobretudo em consideração daquilo que podemos chamar de seu ponto de vista programático e unitário, referente à consideração da Igreja no seu duplice fundamento: referência a si mesma (*ad intra*) e ao mundo (*ad extra*). Em ambos os pontos, fazendo referência às duas principais constituições dogmáticas do Vaticano II, *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*, emerge, abertamente, a perspectiva escatológica como sendo horizonte essencial para a vida da Igreja. As duas perspectivas aparecem para dar uma visão global, e também sistematicamente unitária, à escatologia cristã. Os dois documentos inserem a dimensão da esperança cristã no quadro da história salvífica particular e universal, tendo em vista que a Igreja anuncia uma esperança não só por si, mas também por conta do mundo.

Referências

- BORDONI, Marcello; CIOLA, Nicola. *Gesù, Gesù nostra speranza*. Saggio di escatologia in prospettiva. Bologna: EDB, 2001.
- CARVALHO, M. Maria. *A consumação do homem e do mundo*. Lisboa: Universidade Editora, 2002.
- CASTAGNO, M. Adele. *Origene dizionario: la cultura il pensiero le opere*. Roma: Città Nuova 2000.
- DALEY, B. *Origens da escatologia cristã: a esperança na igreja primitiva*. São Paulo: Paulus, 1994.
- GANOCZY, Alexandre. *La Trinidad creadora: teologia de La Trinidad y sinergia*. Secretariado trinitário de Salamanca, 2005.
- GRESHAKE, Gisbert. Escatologia. In: LACOST. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas & Loyola, 2004.
- GREGORIO DE NISSA. *A criação do homem, a alma e a ressurreição, a grande catequese*. São Paulo: Paulus, 2011.
- IRINEU DE LION. *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 1997. v. 4.

³⁸ DALEY, E, Brian. “Resurrección”, in FITZGERAL, D. Allan. *Diccionario de San Agustín*. Monte Carmelo: Burgos, 2001, p. 1138-1140.

³⁹ TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*, São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 842.

- LA DUE, J. William. *O guia trinitário para a escatologia*. São Paulo: Loyola, 2007.
- MASPERO, Giulio. Apocatastasi. *Dizionario G., Gregorio di Nissa*. Roma: Città Nuova, 2007.
- MORESCHINI, C. *I Padri Cappadoci, storia, letteratura, teologia*. Roma: Città Nuova, 2008.
- PANNENBERG, W. *Teologia sistemática*. Santo André, 2009. v. 3.
- RAHNER, Karl, *Teologia e antropologia*. São Paulo: Paulinas; Paulus & Academia Cristã, 1969.
- RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico com um novo ensaio introdutório*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- SHNEIDER, Theodor. *Manual de teologia dogmática*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. v. II.
- SANTIDRIÁN, R. Pedro. *Breve dicionário de pensadores cristãos*. Aparecida: Santuário, 2000.
- SILVA, F. Maria. Sobre o termo Pericórese. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo: Loyola, n. 14, p. 19-38, jan./mar. 1996.
- SANTOS, S, Bento. *O Horizonte da antropologia de Gregório de Nissa*. Disponível em: <[www.bentosilvasantos.com/cms/ antropologia](http://www.bentosilvasantos.com/cms/antropologia)>. Acesso em: 27 jul. 2013.
- TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- ORIGENES. *Tratado sobre os princípios*. São Paulo: Paulus, 2012.
- POLLASTRI, A. *Padre Nostro*. In: *DPAC*, Casale Monferrato: Edizioni Marietti, 1984. v. II. Col. 2565. Disponível em: <www.filosofia.it>. Acesso em: 23 jul. 2013.
- VILANOVA, E. *Historia de la teologia cristiana*. I de los orígenes al siglo XV. Barcelona: Herder, 1987.
- WINLING, Raymond. “Or. Cat” de Gregório de Nissa. In: MASPERO, Giulio; MATEO-SECO, F. Lucas. *Dizionario Gregorio di Nissa*. Roma: Città Nuova, 2007.

Recebido: 07/10/13

Avaliado: 12/10/13